

07.06.2026

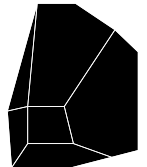
18:00 sala suggia

# Orquestra Barroca

## Casa da Música

**Huw Daniel** violino e direção artística  
**Thomas Geerts** direção musical

casa da música



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## ***Farinelli***

**Gérard Corbiau** filme (1994)

**Riccardo Broschi, Domenico Scarlatti, Georg Friedrich Haendel,  
Nicola Porpora e Johann Adolf Hasse** música

**Oliver Parr** edição da partitura

**Panayiotis Ioannou** produção musical e operação vídeo

Duração: 111 minutos.

Estreia mundial do cine-concerto; encomenda Casa da Música.

## Grande Ecrã

Um dos ciclos que define a presente temporada da Casa da Música chama-se Grande Ecrã e junta o cinema à música de concerto. *Farinelli* é um dos filmes icónicos incluídos neste ciclo e um dos que traz a experiência singular de se poder ouvir a música tocada ao vivo, acompanhando as imagens e a narrativa. Embora seja uma prática cada vez mais explorada nas salas de concerto, no caso de *Farinelli*, esta é a primeira vez em que o filme se apresenta desta forma. Trata-se de uma colaboração entre a James Whale Orchestra e a Orquestra Barroca Casa da Música, resultado de um trabalho desenvolvido por encomenda para esta ocasião, e hoje interpretada em estreia mundial.

O célebre filme de Gérard Corbiau venceu um Globo de Ouro para Melhor Filme Estrangeiro e outro pelo seu design de produção, graças às luxuosas recriações da ópera barroca. Foi igualmente nomeado para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro. A banda sonora — que inclui música de vários mestres do século XVIII, incluindo Haendel, Broschi, Hasse e Porpora — recebeu um Prémio César para Melhor Música.

O ciclo Grande Ecrã já trouxe a esta sala *O Grande Ditador* de Charles Chaplin, acompanhado pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, e em setembro será a vez de *Metropolis*, de Fritz Lang, com o Remix Ensemble. Além destes cine-concertos, a Orquestra Sinfónica apresentará um concerto de música de videojogos (em outubro) e uma criação visual de Bianca Dacosta para a epopeia musical *A Floresta do Amazonas*, de Villa-Lobos (em novembro). O Serviço Educativo preparou também dois espetáculos especiais para este ciclo: *Sussurros do Mar*, inspirado na música de Debussy; e *O Último Canto dos Pássaros*, construído a partir de gravações reais de aves de todo o mundo, sons eletrónicos e uma componente visual criada pela artista residente Bianca Dacosta — que será apresentado em novembro.

# Farinelli

## cine-concerto

### História e lenda

Certas figuras históricas são inseparáveis da lenda. É o caso do célebre cantor castrato Carlo Maria Broschi (1705-1782), conhecido pelo nome de Farinelli. Ainda no seu tempo de vida, foi transformado em personagem de ficção numa ópera composta por John Frederick Lampe, apresentada em Londres, em 1744, com o título *The Queen of Spain; or, Farinelli in Madrid*. Várias outras óperas foram compostas em torno da sua figura ao longo do século XIX, incluindo *La part du diable* (1843), de Daniel-François-Esprit Auber. Em 1994, Marc David escreveu um romance intitulado *Farinelli: memórias de um castrato*. O filme que hoje vemos em formato de cine-concerto, realizado pelo belga Gérard Corbiau, é do mesmo ano e inscreve-se nessa tradição de fabulação e mitificação de Carlo Broschi. Nesse sentido, tal como as outras obras referidas, o filme não é historicamente rigoroso em muitos detalhes, mas também não é uma simples fantasia arbitraria. Ainda que a trama se afaste da biografia documentada, conserva um significativo número de pontos de contacto com a realidade histórica.

Tal como vemos no filme, Farinelli estudou de facto com o compositor de ópera Nicola Porpora (1686-1768); cantou frequentemente música do irmão, Riccardo Broschi (1698-1756); a música de Broschi é muitas vezes altamente virtuosística, em particular na escrita para a voz, e nem sempre evidencia grande profundidade expressiva; há

registos de Haendel (1685-1759) ter ficado efetivamente fascinado pela voz do cantor e de ter tentado contratá-lo, sem sucesso; em 1734 surgiu, em Londres, uma companhia rival da de Haendel, na qual Porpora foi o principal compositor e Farinelli a grande atração; e o cantor interpretou em Londres música do irmão e também música de Haendel, embora não exatamente nos termos mostrados no filme. Também a reação quase delirante do público à sua voz, tantas vezes descrita em termos de histeria pública e com conotações sexuais associadas, não foi invenção do cinema: panfletos e sátiras do século XVIII confirmam a «histeria pública» e a suposta devassidão desencadeadas pela sua voz.

O filme é também um testemunho histórico — ainda que livre e filtrado por uma sensibilidade contemporânea — sobre a própria figura do castrato. Quando a prática (com antecedentes na Antiguidade) atinge o seu auge na cultura musical italiana e europeia, entre os séculos XVII e XVIII, esses cantores, frequentemente empregues em contexto operático e litúrgico, eram tanto admirados como prodígios, quanto cercados por fascínio, desconforto, fantasia e escândalo. A esta distância, para nós no século XXI, o efeito será acima de tudo repulsa: para obter vozes que mantivessem a tessitura aguda infantil em idade adulta, combinando-a com a capacidade pulmonar e a projeção sonora de um corpo adulto, era necessário remover ou inutilizar os testículos de meninos cantores, de modo a impedir

a produção de testosterona. Além do efeito musical desejado, a operação tinha outras consequências, gerando frequentemente desequilíbrios hormonais e provocando a esterilidade. Esse aspeto — o modo como a castração afetava a sexualidade e a própria identidade corporal — é, de resto, um dos temas principais do filme.

## **A música no filme**

Mais do que contar apenas a vida de Farinelli, o filme de Gérard Corbiau faz da própria música o centro da narrativa. É importante notar, a esse propósito, que quase toda a música do filme é usada de forma «realista» — aquilo a que hoje se chama, mais correntemente, música diegética: música que pertence ao mundo da cena e é ouvida pelas personagens, em vez de funcionar como comentário exterior ou fundo emocional para o espectador. Isso significa que a música raramente vem de fora para ilustrar a ação; nasce dentro da própria ação, organiza-a e, em certo sentido, torna-se uma personagem de pleno direito. Há uma exceção marcante numa cena erótica no início do filme, onde a voz é usada como sobreposição não diegética, mas precisamente essa exceção confirma a regra.

Essa quase total ausência de música não diegética (também chamada «música de fundo») é rara em cinema. A música não diegética tem frequentemente a função de construir uma atmosfera e comentar a narrativa, sublinhando — e ajudando a construir — certos elementos emocionais. Neste caso, porém, mais do que comentar o drama, a música é o lugar onde o próprio

drama acontece: é pelo canto que se exerce o poder entre as personagens, que se produz fascínio, que se desencadeia o desejo, que se expõem rivalidades estéticas e afetivas. E é também através da música diegética que se revela a personalidade artística dos protagonistas: veja-se, por exemplo, os momentos em que Riccardo Broschi e Haendel aparecem a compor — o primeiro sempre de forma hesitante, com interrupções e incertezas; o segundo de modo plenamente confiante. O filme opõe ainda duas concepções distintas do que a própria música é, constituindo, nesse sentido, uma reflexão sobre a sua essência. Por um lado, a música de Broschi é apresentada como veículo exibicionista para glorificar as capacidades vocais extraordinárias do irmão, de modo a produzir espanto e deslumbramento superficiais; já a de Haendel alcança uma expressão afetiva mais profunda, capaz não apenas de impressionar, mas de comover.

É nesta oposição que se organiza grande parte da narrativa. Na lógica do filme — que não coincide necessariamente com a história real —, Carlo Broschi encontra-se entre duas formas de poder. De um lado está Riccardo, irmão, mentor, explorador, figura de amor possessivo; do outro, Haendel, apresentado inicialmente como artista soberano, arrogante e dominador. Mas o filme complica gradualmente estas relações. Riccardo não é apenas um tirano, mas também uma figura profundamente frágil que depende emocionalmente do irmão; e Haendel não é apenas o génio superior, mas uma figura também com a sua humanidade (que se manifesta, curiosamente, nas cenas em que aparece sem peruca). Além

disso, a aproximação gradual de Farinelli a Haendel manifesta o seu caminho de autonomização face ao irmão e o seu abraçar de uma ideia de musicalidade mais profunda, que ultrapassa os próprios clichés da figura do castrato.

O momento decisivo do filme, nesse sentido, é a célebre sequência em torno da ópera *Rinaldo* de Haendel, perto do final. É uma cena profundamente não realista: Farinelli canta três árias como se toda a ópera se concentrasse nele sozinho; não aparecem outros cantores nem figurantes em palco, e as árias aparecem como números isolados, desprendidos de uma ação dramática mais vasta. As duas primeiras pertencem ao herói Rinaldo; depois, sem explicação, Farinelli canta «Lascia ch'io pianga», ária de Almirena, outra personagem. O filme apaga assim os contornos normais da representação operática e concentra tudo num só corpo e numa só voz.

## O cine-concerto

O cine-concerto de hoje marca uma ocasião rara: o filme *Farinelli* é apresentado com música ao vivo, como resultado de uma colaboração entre a James Whale Orchestra e a Orquestra Barroca Casa da Música. Um dos atrativos do evento é a possibilidade de ouvirmos a banda sonora interpretada em instrumentos autênticos do século XVIII, como se as cenas do filme estivessem a acontecer agora mesmo perante nós e, ao mesmo tempo, no contexto histórico que o próprio filme evoca. É, de resto, do século XVIII a generalidade das obras escutadas, de compositores como Domenico Scarlatti

e Johann Adolf Hasse, além dos já referidos Riccardo Broschi, Georg Friedrich Haendel e Nicola Porpora.

Ao mesmo tempo, esta recuperação histórica convive com um dispositivo técnico muito contemporâneo. Para os músicos poderem tocar ao vivo de forma síncrona com o filme, substituindo «milimetricamente» a música gravada, é necessário seguirem uma pista de metrónomo — *click track*, em linguagem técnica — previamente preparada. Essa grelha temporal é, claro, invisível — ou inaudível — para o espectador, sendo ouvida através de auscultadores pelo maestro e por alguns outros músicos, e permitindo encaixar com precisão o gesto musical no tempo exato da imagem. Isso gera alguns paradoxos curiosos. Desde logo, para recriar um universo sonoro antigo, é necessário recorrer a uma tecnologia de sincronização moderna; além disso, a música, apesar de soar intrinsecamente expressiva e flexível, como é característico da linguagem barroca, tem por trás da sua performance um mecanismo rígido e imperturbável.

Talvez o detalhe mais sugestivo deste projeto resida, contudo, noutra aspeto. Enquanto a componente instrumental da banda sonora é realizada efetivamente em palco, a voz de Farinelli permanece pré-gravada (garantindo a *click track*, mais uma vez, a sua sincronização). Essa separação entre componente instrumental e vocal entra em ressonância com o que acontece já no próprio filme, em que a voz do protagonista foi também produzida à parte, resultando de uma construção artificial em estúdio, realizada no IRCAM, em Paris, a partir da fusão da voz do contratenor Derek Lee Ragin

com a da soprano Ewa Mallas-Godlewska. O resultado é que o cine-concerto acaba por reinscrever, de outro modo, a cisão entre orquestra e voz que já se encontrava no filme. Em ambos os contextos, a uma orquestra mais natural (e hoje plenamente encarnada em palco) opõe-se uma voz artificial, que continua a chegar de um espaço separado, como eco de uma presença impossível. E talvez seja exatamente isso que melhor convém à representação de Farinelli, enquanto figura simultaneamente histórica e imaginária, real e mítica, corporal e fantasmática.

---

Notas ao programa por Daniel Moreira.

© 2026

## Huw Daniel

violino e direção artística

Huw Daniel estudou na Ysgol Gyfun Ystalyfera, Sul de Gales, continuando como bolsheiro em órgão no Robinson College (Cambridge), onde se diplomou em música com os máximos louvores, em 2001. Estudou depois violino barroco na Royal Academy of Music durante dois anos, com Simon Standage. Em 2004, foi membro da Orquestra Barroca da União Europeia (OBUE), cujos membros formaram depois a Harmony of Nations e continuaram a apresentar-se sob este nome, tendo gravado dois CD. Foi concertino da Orquestra Barroca Casa da Música entre 2004 e 2021, e neste momento é um dos quatro concertinos da Orchestra of the Age of Enlightenment.

É membro de longa data do Dunedin Consort e participou em muitas gravações deste agrupamento, incluindo o Concerto duplo para violinos de Bach, com Cecilia Bernardini. É também membro da Orquestra Barroca Irlandesa. Como concertino convidado, tem tocado e gravado com a OBUE, o English Concert, o King's Consort, The Sixteen e o Barokkanerne de Oslo. Toca num violino de Jakob Stainer, de 1665.

## Thomas Geerts

direção musical

Thomas Geerts é formado em direção de orquestra e trompete nos Conservatórios de Amesterdão e Roterdão. Destaca-se como um músico versátil e de visão inovadora. Foi cofundador do Quinteto de Metais de Amesterdão e, após concluir os seus estudos, lançou uma carreira dinâmica que abrange direção de orquestra, performance, composição e desenvolvimento artístico.

Enquanto compositor e arranjador, contribuiu para uma vasta gama de produções inovadoras de teatro musical que têm circulado internacionalmente, com apresentações nos Países Baixos, França, Espanha e Portugal. O seu trabalho caracteriza-se por uma paixão pela criação de experiências artísticas transformadoras, seja através dos seus projetos próprios, seja em colaborações artísticas. Em abril e maio de 2026, dirigiu a segunda digressão muito aguardada da James Whale Orchestra nos Países Baixos com *Amélie live in Concert*, apresentada em salas de concerto prestigiadas como o Phil Haarlem, o Oosterpoort Groningen e o Muziekcentrum Eindhoven.

# Orquestra Barroca Casa da Música

**Laurence Cummings** maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música devolve o esplendor e a vitalidade originais às partituras dos séculos XVII e XVIII. Com um repertório que celebra tanto os monumentos artísticos, como as pérolas menos conhecidas daquele período, apresenta-se com instrumentos de época e colabora regularmente com maestros e solistas prestigiados no âmbito da interpretação historicamente informada. Em 2026, completa 20 anos de um percurso aclamado pela crítica, tendo como maestro titular Laurence Cummings, um dos mais destacados especialistas internacionais em música antiga.

Além das temporadas regulares de concertos na Casa da Música, a Orquestra Barroca apresentou-se em salas e festivais de música antiga em Espanha, Inglaterra, França, Alemanha, Áustria, China e várias cidades portuguesas. Da sua colaboração com o cravista Andreas Staier resultou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), um marco que projetou o agrupamento no

panorama mundial, e digressões por várias cidades europeias.

O seu repertório abrange a música icónica de Bach, Haendel, Vivaldi ou Charpentier, o classicismo de Mozart e Haydn, mas também figuras nacionais como Carlos Seixas, Francisco António de Almeida, António Leal Moreira e José Joaquim dos Santos. Apresenta-se com frequência ao lado do Coro Casa da Música em programas dedicados à grande música sacra europeia, como será exemplo, na Páscoa de 2026, a interpretação da *Paixão segundo São João* de Bach. Na presente temporada destaca-se ainda o cine-concerto em que a Orquestra acompanha ao vivo o filme *Farinelli*, num projeto encomendado pela Casa da Música e dirigido artisticamente por Huw Daniel. O encontro com a criação contemporânea manifesta-se no diálogo com o Remix Ensemble, em concertos que convocam simultaneamente a linguagem barroca e a experimentação contemporânea.

**VIOLINO I**

Matthieu Camilleri  
Cecília Falcão  
Miriam Macaia  
Ariana Dantas

**VIOLINO II**

Reyes Gallardo  
César Nogueira  
Prisca Stalmarski  
Bárbara Barros

**VIOLA**

Trevor McTait  
Raquel Massadas

**VIOLONCELO**

Filipe Quaresma  
Vanessa Pires

**CONTRABAIXO**

José Fidalgo

**OBOÉ**

Pedro Castro  
Andreia Carvalho

**FAGOTE**

José Rodrigues Gomes

**ÓRGÃO/CRAVO**

Silvia Márquez Chulilla

**TROMPAS NATURAIS**

Hugo Carneiro  
Jaime Resende

**TROMBETAS**

Bruno Fernandes  
Daniel Louro

**OPERAÇÃO TÉCNICA**

Bruno Mendes (iluminação)  
José Torres (palco)  
Carlos Almeida (palco)  
Miguel Lopes (som)

APOIO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

MECENAS CASA DA MÚSICA



BPI



Fundação "la Caixa"

# 1% DO SEU POR UMA BOA CASA



NIF 507 636 295

## **PORQUÊ APOIAR?**

A Fundação Casa da Música, para além da excelência artística, desenvolve um trabalho continuado com crianças e jovens, comunidades, públicos em situação de vulnerabilidade e pessoas com necessidades específicas. Todos os anos, através do Serviço Educativo, chega a cerca de 50.000 participantes, promovendo o acesso à música, a criatividade e o bem-estar.

Com o seu apoio, a Casa da Música pode chegar a mais escolas e territórios, reforçar a inclusão e acessibilidade, alargar o acesso gratuito a concertos e atividades, apoiar jovens talentos e desenvolver novos projetos pedagógicos.

## **COMO CONSIGNAR 1% DO SEU IRS?**

No quadro 11 da Declaração Modelo 3 do IRS, selecione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Se tem IRS Automático, no momento da confirmação assinale a caixa que indica que pretende consignar 1% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo não tem qualquer custo para si e não afeta o seu reembolso.

**O seu IRS faz a diferença. Juntos, levamos a música mais longe.**